

brasileiro em geral e para a região compreendida pelos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, considerada como de influência da Universidade Federal de Pernambuco correlações entre o processo de desenvolvimento e o nível educacional, através de:

- a) aumento da renda real *per capita* nacional ou regional devidos a variações qualitativas do fator trabalho, decorrentes de investimentos em recursos humanos em geral e do processo educativo em particular;
- b) relação entre o desenvolvimento econômico e social e os níveis educacionais *per capita*, superior e médio, para o período 1947-1963.

As considerações mais específicas sobre o uso dos recursos pela Universidade Federal de Pernambuco permitem indicar e sugerir:

- c) que houve, de 1961 para 1965, redução na disponibilidade, em termos reais, de recursos à disposição da programação da atividade universitária, ao mesmo tempo em que aumentaram os compromissos da Universidade;
- d) que a ênfase recente no desenvolvimento da pesquisa universitária deve implicar em esforço de desenvolvimento do treinamento de alto nível, sobretudo pós-graduação, inclusive como meio de assegurar continuidade e permanência ao esforço mesmo da indação científica;
- e) que, se bem que as dificuldades de medição dos custos da educação superior não tenham sido vencidas, é possível obter indicação dos custos relativos do ensino, por unidade universitária, de grande interesse para a atividade do programador.

UM REPARO CRÍTICO A PITIRIM A. SOROKIN (*)

PESSOA DE MORAIS

O estudo de certos problemas ligados a condições sócio-econômicas, tem levado os autores às vezes a emitir conceitos nem sempre razoáveis ou cientificamente corretos. É o caso por exemplo, do conhecido sociólogo Pitirim A. Sorokin, que estabelece certas conclusões desacertadas, como veremos, tomando como ponto de partida o estudo de determinadas áreas de pobreza em comparação com outras tantas de prosperidade.

Além disso, a interpretação dada pelo prof. Sorokin, envolvendo tais condições, redunda numa tão falsa quanto perigosa interpretação sociológica, que pode inclusive dar margem a injustas e despropositadas conclusões.

O caso é o seguinte: o referido sociólogo, partiu do fato de que a ascensão das pessoas de uma área ou estrato social menos elevado a outra área ou estrato social mais alto, exige seleção. Em outras palavras, tal promoção ou melhor, tal fenômeno de mobilidade social vertical, teria como pressuposto, assim, segundo êle, um caráter seletivo, pelo qual os mais capazes terminariam alcançando socialmente as posições mais altas.

Nestas condições, as classes socialmente mais elevadas e ricas, seriam menos nos períodos de decadência (1), constituídas de pessoas de maior capacidade mental e inteligência. Quer dizer: o professor Sorokin ligou, em última análise, um assun-

(*) Pitirim A. Sorokin, *Social Mobility*, livro recentemente traduzido para o espanhol e que contém, ao nosso ver, certos equívocos cujos esclarecimentos se tornam indispensáveis.

to tão importante quanto delicado, como da capacidade mental de grupos, à questão de áreas sócio-econômicas e sua hierarquia.

Apezar da inteligência humana como é hoje pacífico, ser desigualmente distribuída entre as pessoas, diferindo visivelmente os atributos inatos de cada um, o modo como é operada a seleção social, dificilmente favoreceria como veremos, a distribuição pretendida pelo eminente sociólogo.

Procurando defender sua esdruxula tese, diz textualmente o referido autor: "a inteligência é distribuída desigualmente através das diferentes classes sociais e grupos da sociedade. É generosamente mais disseminada nas classes mais altas, e sua quantidade bem como sua qualidade, decresce a proporção que se passa das camadas sociais mais altas para as mais baixas".

(2). No que diz respeito ainda à inteligência, chega a se referir expressamente acerca do que êle chama "a esterilidade do proletariado" ("The sterility of the proletariat"), a êsse respeito considerado possuidor de capacidade mental baixa. Por isso, acrescenta em outra parte: "os trabalhadores não qualificados e os semi-qualificados, têm uma média muito inferior e baixa de inteligência; os grupos de trabalhadores qualificados, estão principalmente no grupo de alto coeficiente de inteligência; as inteligências superiores ou muito superiores, estão somente entre as altas classes profissionais e de negócios". (3).

Acredita por certo o referido sociólogo, que exigindo a ascensão social (mobilidade social vertical), bem como a manutenção das posições conquistadas, certas qualidades, as camadas mais altas da sociedade por força da seleção que tal ascensão e conservação do status exige, acabam constituindo um grupo mais capaz e, por consequência, possuidor de maior inteligência.

Inicialmente o raciocínio adotado pelo autor citado, é de uma falha que salta à vista: basta dizer que, para corroborar sua afirmação, seguiu principalmente o critério evidentemente inadequado de estudar o número de homens eminentes ou de gênio produzido pelas diferentes classes sociais, sem tomar de modo algum em consideração, como seria legítimo, as diferenças de oportunidade entre as várias classes, bem como as precárias condições de existência da pobreza, sua desigual oportunidade para os estudos, seu tempo inteiramente devotado ao tra-

balho intenso e absorvente, e outros fatores como desconforto, desnutrição, doenças, falta de cuidados médicos etc.

De modo que, examinar sumariamente, num estudo exaustivo, representantes de diferentes classes sociais, e depois concluir que as classes socialmente mais altas são mais inteligentes do que as classes socialmente mais baixas, é de um primarismo inexplicável, já que não foram levadas em consideração, as condições profundamente desiguais entre as várias classes de diferentes países e regiões. Por outro lado, é um fato de elementar raciocínio, a circunstância de que o pobre em geral, trabalhando árdua e duramente para ganhar a vida de modo precário, não tem as condições nem o tempo das classes mais favorecidas para cuidar das coisas da inteligência. Em muitos países e em várias regiões, só excepcionalmente consegue chegar a graus de educação superior.

São em verdade muito desiguais as condições entre as várias classes, e mesmo nos Estados Unidos, país onde o prof. Sorokin vive: uma média de 52 entre cada 100 crianças, filhas de pais que têm profissão liberal, chega até o grau universitário de estudo, ao passo que apenas uma média insignificante de 3 entre 100 crianças filhas de trabalhadores não especializados consegue atingir a Universidade, o que representa um significativo contraste (4). Ademais, o próprio Sorokin mostrou de modo minucioso, como as classes socialmente mais altas em geral, possuem melhor saúde do que as classes socialmente mais baixas, baseado inclusive em estudos de uma multiplicidade de investigadores do assunto. Chegou até a mostrar como entre meninos de famílias ricas, a resistência à fadiga, depois de pressionado dez vezes por exemplo, o dinamômetro, é quase duas vezes maior do que a dos meninos de famílias pobres. (5)

Do que foi dito podemos tirar a seguinte conclusão: como pessoas pobres e de condições de saúde mais precárias, podem competir com outras indiscutivelmente mais favorecidas? Não é isso uma patente desigualdade que favorece sem dúvida às pessoas das classes mais altas, sobretudo numa sociedade eminentemente de competição como a nossa?

Além disso, conforme o próprio sociólogo em apreço mostrou, as classes altas têm vivido em média mais do que as classes socialmente mais baixas. Ora, como para alcançar posições de

proemiência social é "preciso tempo — e é Sorokin quem friza essa circunstância enfaticamente (6) —, como podem as classes pobres que vivem menos, ter a mesma oportunidade de ascensão que as classes ricas, já que como diz o autor citado, os grandes homens precisam viver longo tempo, sob a pena de nunca se tornarem eminentes? (7). Não constitui isso uma contradição flagrante com a afirmação simplista e enfática de que as classes altas são mais inteligentes do que as classes mais baixas?

Aproveitemos porém o próprio argumento de Sorokin: mostra êle como os monarcas não hereditários têm atingido o trono com uma média de 48,5 anos; os papas, com a idade de 61,3 anos; os chefes de Estado da França, da Alemanha e dos Estados Unidos, com 55 anos; a média em que na Rússia, os sábios têm entrado para a Academia de ciência, é de 48,5 anos, e o que é mais importante, veja-se bem: entre os milionários norteamericanos que nasceram pobres, somente a insignificante percentagem de 2,2 em cada 100, se tornaram ricos entre 21 e 30 anos, enquanto 60 entre 100 dos que nasceram pobres, só se tornaram ricos com a idade de 51 anos, ou mais do que isso.

São ou não são êsses exemplos do próprio Sorokin, argumentos decisivos contra as suas próprias afirmações de que as classes mais altas são mais inteligentes do que as classes socialmente mais baixas, já que para atingir as posições de proeminência, é necessário uma vida longa, e a longevidade das classes mais desfavorecidas é muito menor do que a das outras classes? Acaso não constitui isso uma real e profunda desigualdade de oportunidade, tanto mais quanto a verificação resultou de estudos minuciosos e atentos feitos pelo próprio autor ora analisado?

Além disso, a despeito da crescente possibilidade de ascensão social em nossa época, reconhece o autor em apreço, como não poderia deixar de fazê-lo também de modo contraditório — que a transmissão das ocupações de pai a filho é ainda bastante alta, afirmando que os filhos continuam seguindo em nossos dias, predominantemente a ocupação dos pais (8). Ora, se isso acontece — e é Sorokin quem expressamente o diz — as classes mais baixas, mau grado as melhores condições de oportunidade do nosso tempo, possuem mesmo nos Estados Unidos, poucas possibilidades de se elevar socialmente. Com efeito, entre os

filhos de trabalhadores norteamericanos, não especializados, mostram Ogburn e Nincoff, em cada 100, cêrca de 41,7 seguem a profissão dos pais; 16,5 vão ser trabalhadores semiespecializados; somente 10,3 chegam a ser proprietários, e apenas a reduzida percentagem de 4,1 alcança as profissões liberais (9).

É preciso ainda ressaltar a circunstância de que nem sempre mudança de ocupação, significa mudança de nível social, já que muitos filhos ocupam posição diversa do pai, continuando todavia num nível profissional idêntico.

Finalmente, é preciso se levar em conta o fato de que, trabalhando àrduamente para ganhar a vida em condições desfavoráveis, as classes mais baixas não possuem de modo geral a paz de espírito e o tempo necessário para se dedicarem aos labores intelectuais, a ponto de aparecerem nas enciclopédias como pretendeu Sorokin, como homens notáveis ou de gênio. As enciclopédias constituem mesmo, por tudo isso, um péssimo objetivo para pesquisas dessa natureza. É que a grande maioria das pessoas das classes mais baixas, não tendo em tese, por vários motivos, condições para chegar às enciclopédias, manifesta sua inteligência e sua capacidade nos pequenos e anônimos trabalhos que absorvem tôda a sua vida, e nos quais — é fato bastante visível — revelam pendores excepcionais como excelentes mecânicos, eletricitas ou como simples operários encarregados da fabricação de móveis de fino gosto artístico e de outras tarefas que exigem aprimoramento, inteligência, quase sempre revelados de modo indiscutível por essas pessoas das classes mais baixas, convém ressaltar, as quais às mais das vezes não tiveram o necessário preparo técnico ou mesmo nenhum preparo, revelando assim uma inteligência e uma capacidade que saltam à vista.

Porém, o prof. Sorokin não podia encontrar evidentemente essa inteligência nas classes mais baixas, precisamente porque foi procurá-la inadequadamente nas enciclopédias e nas publicações relativas a pessoas eminentes como "Who's Who", onde evidentemente não poderia encontrar. Com efeito, como poderia a capacidade e a inteligência do simples operário, do homem que labuta àrduamente em pequenas tarefas anônimas, figurar nessas publicações que se referem a pessoas que se destacam,

que se notabilizam na vida social? Por outro lado, o fato de as classes mais altas exibirem um índice elevado de figuras eminentes e de notoriedade pelo talento ou genialidade, é perfeitamente explicável já que possuem muito melhores oportunidades para isso.

Também a afirmação de que a produção de homens notáveis por parte das classes mais baixas, sobretudo da classe operária, não tem progredido, enquanto as condições de vida melhoraram do século passado aos nossos dias, merece ser melhor analisada: primeiramente, mesmo no país em que Sorokin vive, os Estados Unidos, nação reconhecidamente próspera e rica, no período por exemplo entre 1935 a 1948, as pesquisas constatarem que a elevação média de salário no referido espaço de tempo foi contrabalançada de certa forma pelo aumento do custo de vida e de impostos (10). Convém acrescentar que, como salienta o conhecido sociólogo norteamericano Harry Elmer Barnes, 40 milhões de pessoas nos Estados Unidos, ainda percebem um salário inferior a 1.000 dólares anuais (11).

É interessante trazer a baila outros significativos e eloquentes dados para se ter uma idéia real do problema: em 1929 por ocasião da crise que abalou os Estados Unidos, 6 milhões de famílias ou seja 21% da população, recebia ordenados inferiores a 1.000 dólares anuais; 12 milhões de famílias, ou 42% do total, percebiam ordenados inferiores a 1.500 dólares anuais; 20 milhões de famílias ou seja cerca de 71% de toda a população, percebiam vencimentos abaixo de 2.500 dólares anuais, enquanto 1% das famílias, precisamente as mais ricas com renda superior a 75.000 dólares, possuíam um rendimento quase equivalente à renda nacional (12). Mostra ainda o conhecido sociólogo norteamericano, como até nos mais prósperos anos 60% das famílias dos Estados Unidos, não gozam de uma renda suficiente para tornar possível um mínimo desejável de nível de vida (13).

No que diz respeito à Inglaterra, onde Sorokin pretende que as melhoras das condições de vida desde o século passado, são suficientes para que se possa esperar uma maior proliferação de homens de gênio por parte da classe dos trabalhadores não especializados, revela o país em apreço um aspecto semelhante. A famosa pesquisa de Charles Booth, relativa à cidade

de Londres, que começou em 1886 e terminou em 1902, da qual resultou o livro *Life and Labor of the People of London*, concluiu que 30,7% da população total da grande metrópole britânica, vivia numa situação de pobreza. S. Seebohm Rowntree, fazendo um estudo análogo em York, Inglaterra, publicado em 1901, verificou que 27,87% da população de York, vivia numa intensa pobreza. A. L. Bowley e A. R. Burnett Hurst, publicaram em 1915 um importante livro acerca de várias comunidades britânicas, no qual foi revelado que nessas comunidades 32% da população percebiam menos do que 24 shillings por semana.

Tudo isso mostra cabalmente que a pretendida correlação entre áreas sócio-econômicas de riqueza e pobreza de um lado, e inteligência do outro, não foi provada de modo algum, e nos moldes em que Sorokin a estabeleceu, é um magnífico exemplo em Sociologia da existência de certas falsas correlações resultantes de uma péssima interpretação dos dados objetivos.

É verdade que o desenvolvimento mental pode ser estimulado pelas condições socioculturais, inclusive econômicas. O assunto, aliás, é pacífico, existindo até inúmeros exemplos de gêmeos monozigóticos, portadores portanto de idêntico patrimônio genético, e que apresentaram em meios socioculturais diversos, sensíveis diferenças de resposta nos conhecidos testes de inteligência de Simmon e Binet, por exemplo. Por outro lado, outras inúmeras experiências e testes, têm comprovado o estímulo do desenvolvimento mental em áreas mais adelantadas ou favoráveis.

Todavia, não se pode de modo algum falar como Sorokin, veja-se bem, numa desigualdade de distribuição da inteligência em grupos ricos e pobres. Dá êle a entender claramente mesmo, que se trata de uma diferença necessária de dotes mentais entre tais grupos. Chega a pretender como vimos, aliás sem razão, que a própria melhora das condições socioculturais não tem contribuído para o aparecimento de melhor nível intelectual dos grupos desafortunados. Exagera-se e apressa-se mesmo como foi visto, em proclamar uma esdrúxula tese da esterilidade de capacidade da classe operária, fundamentado em bases bem precárias.

O que foi visto é evidente, é que apesar da desigualdade

inata de inteligência entre as pessoas, êsses diferentes dotes não são distribuídos entre ricos e pobres como dissemos, de modo a favorecer inexoravelmente um grupo em detrimento do outro.

BIBLIOGRAFIA

- (1) Pitirim A. Sorokin, *Social Mobility*, p. 305.
- (2) Pitirim A. Sorokin, op. c. p. 304.
- (3) Pitirim A. Sorokin, op. c. p. 291 e 294.
- (4) Ogburn Y Nincoff, *Sociologia*, edição espanhola, Madrid, 1955, pp. 186-187.
- (5) Pitirim A. Sorokin, op. c. p. 266.
- (6) Pitirim A. Sorokin, op. c. p. 264.
- (7) Pitirim A. Sorokin, op. c. p. 264.
- (8) Pitirim A. Sorokin, op. c. p. 438.
- (9) Ogburn Y Nincoff, op. c. p. 194.
- (10) Harry Elmer Barnes, op. c. p. 566.
- (11) Harry Elmer Barnes, op. c. p. 230.
- (12) Harry Elmer Barnes, op. c. p. 564.
- (13) Harry Elmer Barnes, op. c. p. 565.

O ILUMINISMO E O BISPO AZEREDO COUTINHO

GLÁUCIO VEIGA

A reedição das obras econômicas de Azeredo Coutinho vem reabrir debate sobre a posição ideológica do antigo Bispo de Olinda e Governador interino da Capitania de Pernambuco.

Com certo aqodamento, alguns intérpretes e biógrafos do prelado fluminense procuram-no situar como "iluminista". Outros avançam mais e colocam-no na mesma posição de Mariano Moreno, na luta pela independência argentina (1).

Na realidade, o Bispo não estava a altura do seu tempo, não tinha, nem retinha consciência da historicidade das mudanças provocadas pelo Iluminismo (2). Entusiasmara-se pelas idéias pedagógicas de Verney, criara Seminário revolucionário em Olinda, onde ao lado da Teologia e do Latim, o futuro padre se engolfaria nas ciências naturais, porém, não se apercebeu que a nova pedagogia radicalizava-se noutra "concepção de mundo".

Mutilando o "Iluminismo", Azeredo Coutinho iria revelar-se um paradoxal, contradição por alguns inimigos colocada em termos contundentes de "oportunismo".

Aliás, diga-se "en passant", o Iluminismo português não foi muito além da pedagogia e reformas universitárias, como já o demonstrou Newton Sucupira.

Em verdade, não devemos procurar "Iluminismo", senão "Iluminismos" diversificados, pluralizados.

As características fundamentais da "Aufklaerung" seriam as mesmas, em qualquer parte, adverte Dilthey: autonomia da razão, a solidariedade da cultura intelectual, e fé num progresso constante e a aristocracia do espírito. (3)

Mas, — continua Dilthey — o racionalismo iluminista